

O que fazer com “O livro do clima”?

What to do with “The Climate Book”?

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.139663>

Victor de Matos Nascimento

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

victormatosnasc@gmail.com  

Resumo

Nesta resenha sobre “O livro do clima”, criado e coescrito pela ativista sueca Greta Thunberg, fundadora do movimento *Fridays for Future*, faz-se uma reflexão sobre a relevância da obra para a comunicação climática nos anos recentes. Trata-se de um livro com capítulos escritos por dezenas de autores de diversas nacionalidades, cada um deles falando sobre suas vivências em relação à crise climática ou suas contribuições para o avanço de seu debate. A obra pode ser entendida como um retrato da governança ambiental global contemporânea, por reunir os dados mais atualizados até o momento sobre a mudança do clima, e discute paradigmas em ascensão como transição energética, justiça ambiental e a legalidade por trás da questão dos refugiados ambientais. O que fazer com “O livro do clima” é uma provocação para a sensibilização e a empatia das sociedades contemporâneas, tendo em vista a importância de ações individuais para a produção de bens coletivos.

Palavras-chave: Clima; Mudanças climáticas; Greta Thunberg; Governança Global do Clima.

Abstract

In this review of “The Climate Book”, created and co-written by Swedish activist Greta Thunberg, founder of the *Fridays for Future* movement, we reflect on the relevance of the work for climate communication in recent years. It is a book with chapters written by dozens of authors of different nationalities, each of them talking about their experiences in relation to the climate crisis or their contributions to advancing the debate. The work can be understood as a portrait of contemporary global environmental governance. It brings together the most up-to-date data on climate change to date, and discusses emerging paradigms such as energy transition, environmental justice and the legality behind the issue of environmental refugees. What to do with “The Climate Book” is a provocation to raise awareness and empathy in contemporary societies, given the importance of individual actions for the production of collective goods.

Keywords: Climate; Climate change; Greta Thunberg; Global Climate Governance.

Recebido: 14 Abril 2024

Aceito: 24 Abril 2024

Conflitos de interesse: O autor não reportou potenciais conflitos de interesse



“O livro do clima” é, talvez, a obra sobre a crise climática mais importante já publicada até hoje. Criado e coescrito por Greta Thunberg, ativista que em 2018 ganhou notoriedade após protestar em frente ao Parlamento sueco e dar origem ao movimento *Fridays for Future*¹, o livro traz um conjunto de textos escritos por diversos autores sobre as diferentes manifestações dos problemas ambientais ao redor do globo. Thunberg (2023, p. 2) abre o livro afirmando que “a crise climática e ecológica é a maior ameaça já enfrentada pela humanidade”, e apresentando uma série de dados para dimensionar o problema no nível macro, antes das nuances apresentadas a *posteriori*.

É uma escolha sensata começar o livro pela caracterização do problema ambiental, pois, mesmo com o acúmulo de evidências científicas, são persistentes aqueles que insistem em negá-lo ou relativizá-lo. Le Prestre (2000) e Mitchel (2010) concordam que a definição de um problema ambiental é indispensável para que se formule um consenso sobre sua dimensão e significado para um determinado conjunto de atores. Só então será possível pensar em estratégias para que se pavimente o caminho para solucioná-lo. O “livro do clima” se esforça nessa empreitada.

A obra está dividida em cinco partes, cada uma composta por, ao menos, seis textos de autores que vão de cientistas à ativistas, negociadores, políticos e romancistas. É interessante que, ainda na abertura, Greta esclarece que, como cada autor escreve a partir da própria experiência, suas conclusões podem ser distintas. Na primeira parte, “Como funciona o clima”, os autores falam sobre a construção histórica dos saberes sobre o impacto da humanidade no planeta. Enfatiza-se a solidez da ciência, sobretudo atualmente, e como ela não pode ser negligenciada em cada passo econômico, social e político das sociedades capitalistas contemporâneas.

Na segunda parte, “Como o planeta está mudando”, aprofunda-se em diversos problemas ambientais, como calor, poluição, aquecimento do Ártico, secas, inundações, acidificação dos oceanos, incêndios florestais e perda de biodiversidade. Tanto a discussão quanto a estrutura dos textos são muito semelhantes ao trabalho de David Wallace-Wells em “A terra inabitável: uma história do futuro” publicado em 2019. Inclusive, Wallace-Wells é autor de um dos capítulos e discute as lições da pandemia para o combate à crise climática. Ainda nesta parte há a primeira contribuição de pesquisadores brasileiros liderados pelo cientista Carlos Nobre, aonde eles esclarecem a importância da proteção do bioma amazônico.

A parte três discute “Como somos afetados” e faz uma contribuição ímpar, sobretudo para os leitores que continuam se familiarizando com o tema ou que não têm clareza sobre a relação da mudança do clima com suas vidas. São elencados temas como saúde, alimentação, racismo ambiental, refugiados climáticos e conflitos para mostrar a conexão entre a intensificação das variações no clima global, seus impactos sobre os temas mencionados, e como isso interfere e modifica o dia-a-dia dos indivíduos. Nessa parte, há outra contribuição brasileira: Sônia Guajajara, que a época ainda não era Deputada Federal e Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, escreve sobre a luta dos povos indígenas brasileiros na proteção da floresta e defende a importância de concepções ancestrais no debate político, como a de que o planeta é nossa Mãe Terra.

A parte quatro dá um passo atrás e reflete sobre “O que fizemos até agora”. Esta é a parte mais crítica e reflexiva do livro. Discute-se, por exemplo, como o negacionismo atrasa a adoção de medidas compatíveis com a urgência dos desafios ecológicos. Discute-se também a incompatibilidade entre o capitalismo, o paradigma do crescimento econômico neoliberal e a persistência dos combustíveis fósseis. Os capítulos dessa parte, mesmo com divergências sobre a sobrevivência do modelo neoliberal, partem do denominador comum de que os países desenvolvidos não podem se furtar a reconhecer e direcionar suas ações para um sentido que ajude os países pobres e em desenvolvimento a alcançarem suas metas de redução de emissões. Essa parte também se aprofunda na questão energética, entendida como uma das mais urgentes, tendo em vista as emissões e a necessidade de financiamento e transferência de tecnologia para que, não apenas uma transição energética global ocorra, mas antes, um provimento mínimo de segurança energética para milhões de pessoas que até hoje não têm acesso.

¹ Sextas-Feiras pelo Futuro (tradução nossa).

Finalmente, a quinta e última parte se debruça sobre “O que precisamos fazer agora”. Os primeiros capítulos fazem uma reflexão sobre a necessidade de se encurtar a distância entre a vida dos indivíduos e suas percepções de que os problemas ambientais lhes são distantes e alheios. Há nessa seção contribuições interessantes de romancistas como Margaret Atwood, autora de “O conto da Aia”. Segundo ela, a literatura tem um papel fundamental na comunicação dos problemas climáticos e, em especial, as distopias, pois ao representar possíveis futuros desastrosos, se contrapõem às utopias e nos mostram o quanto estamos nos distanciando de um clima equilibrado e propício à vida no planeta.

Há ainda na última parte discussões sobre equidade e justiça. Com contribuições vindas de diversas lideranças, passando por autores asiáticos e africanos, há uma preocupação com a definição objetiva e simplificada de termos, como justiça climática, que podem ter diferentes significados para diferentes sociedades. Ao final, Greta encerra o livro afirmando haver uma desesperança coletiva com o futuro da humanidade, seja pela crise climática ou por outros problemas, como guerras e crises sanitárias. É interessante que, após o livro deixar clara a responsabilidade antrópica sobre os problemas ambientais, a ativista devolve esta responsabilidade aos leitores ao afirmar que é preciso merecer a esperança. Assim como em seus muitos discursos desde que se iniciou no ativismo, em seu texto Greta não se furta a ser direta e enfática sobre a responsabilidade dessa geração com o futuro do planeta.

Esta resenha foi intitulada de ‘O que fazer com “o livro do clima”?’ por ser a questão que me rondou desde a primeira página. Trata-se de um livro denso que, mesmo com trechos repletos de dados científicos – que são indispensáveis, não deixa de tentar ser acessível com linguagens que se alternam entre a escrita acadêmica e a escrita de um romance. Ademais, a obra é repleta de fotografias de biomas ao redor do mundo e de gráficos e quadros coloridos que muito auxiliam na sua interpretação.

Outro ponto importante é que o livro é um retrato dos entendimentos e questões referentes à crise climática e ecológica que estão postos até o momento. Não apenas muitos problemas são contemplados, como também regiões importantes para o debate – Sahel, Ártico, Amazônia, etc. –, atores e ativistas dos cinco continentes, e discussões que têm ganhado cada vez mais robustez acadêmica e jurídica, como racismo ambiental e refugiados climáticos. Tal qual a multiplicidade das facetas do problema discutido em “O livro do clima”, são múltiplas as opções sobre o que fazer com ele. Isso irá depender do lugar de cada indivíduo nas sociedades contemporâneas, bem como do recorte temático que mais o sensibiliza, para que ações individuais se somem e produzam bens coletivos.

Referências

- LE PRESTRE, Philippe. **Ecopolítica Internacional**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- MITCHELL, Ronald. **International Politics and the Environment**. London: SAGE Publications, 2010.
- THUNBERG, Greta. **O livro do clima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, 446p.
- WALLACE-WELLS, David. **A Terra Inabitável: uma história do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 374p.

Funções de colaboração exercidas

Victor de Matos Nascimento:

Conceitualização; Metodologia; Investigação; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição);

Informações fornecidas pelo autor de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)